A Cultura como uma lente de observação da realidade.

Textos: **LARAIA**, Roque – "Idéia sobre a origem da cultura" (pg 54 a 59), "A cultura condiciona a visão de mundo do homem" (pg 69 a 76). "A cultura interfere no plano biológico" (pg 77 a 81), in: Cultura, um conceito antropológico, Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
LÈVI-STRAUSS, Claude – "Natureza e Cultura" (pg 41 a 49) , in: As Estruturas Elementares do Parentesco, Petrópolis, vozes, 1993.

Bibliografia Complementar:
SANTOS, José Luiz dos- O que é Cultura, São Paulo, Círculo do Livro, 1990.
OLIVEIRA, Pérsio Santos – "A Cultura", in: Introdução à sociologia, São Paulo, Ática, 1996.

ESQUEMA GERAL
1) Antecedentes históricos do **conceito** de cultura
- como explicar ao mesmo tempo a unidade biológica do homem e a diversidade de hábitos e costumes?

2) Questão da **origem** da cultura: - como os homens se diferenciam dos outros animais?
- passagem do estado de natureza para o estado de cultura

2.1) Teorias orgânicas: teoria do ponto crítico
2.2) Teorias Sócio-Culturais
2.3) Crítica á teoria do ponto crítico

3) A cultura condiciona a visão de mundo do homem.
4) A cultura interfere no plano biológico.

Parte I – O conceito de cultura: origens e influências da cultura no comportamento social e biológico

Vimos na aula passada que alguns dos conceitos centrais da antropologia são os seguintes:

- **Relativismo cultural**
- **Estranhamento**
- **Alteridade**
- **Diferença/Diversidade**
- **Cultura**.

Mas, como definir o conceito de cultura?

Bom, em primeiro lugar é preciso destacar que de todos os conceitos da antropologia, este sem dúvida nenhuma, é um dos mais complexos e difíceis de definição. Como coloca o antropólogo Clifford Geertz, em todas as disciplinas existem alguns conceitos que parecer ter uma força explicativa tão grande que acabam por serem usados para explicar absolutamente tudo. O conceito se torna então tão amplo que acaba por ter seu sentido esvaziado e com isto, acaba inclusive fazendo com que ele perca parte de sua rela utilidade.

Isto aconteceu e ainda acontece com o conceito de cultura, tanto que este autor, no célebre artigo "Por uma teoria interpretativa da cultura", clama por uma redução do conceito de cultura há uma dimensão mais justa.

Não veremos aqui nesta aula e nem nas demais todas as abordagens das diversas escolas antropológicas com relação a este conceito, pois a nossa tarefa aqui é menos traçar a gênese do conceito de cultura e mais fornecer algumas definições que possam auxiliar-nos a pensar como a cultura é fundamental na constituição da identidade e no trabalho de respeito á diversidade dos povos.

No entanto, precisamos ao menos abordar, ainda que de forma sucinta, algumas questões centrais ao conceito de cultura:

1) Quais os antecedentes históricos do conceito de cultura e porque o conceito de cultura foi central para conciliar um aparente paradoxo: como explicar ao mesmo tempo a unidade biológica do homem e a diversidade de hábitos e costumes?
2) Como definir o conceito de cultura? E mais, como determinar a **origem** da cultura: como o homem se diferenciou dos outros animais? Quando e

como se processou a passagem do estado de natureza para o estado de cultura?

Nenhuma das duas questões é fácil de ser respondida e não há uma resposta consensual para nenhuma delas.

Vamos, nesta aula e nas próximas, mapear apenas algumas respostas possíveis e daremos especial atenção às seguintes linhas e aos seguintes autores:

A) A cultura como um sistema simbólico: Leslie White, José Carlos Rodrigues
B) A cultura enquanto um universo de regra e abstração: escola estruturalista - Claude Lévi-Strauss – texto "Natureza e Cultura"
C) A cultura como uma teia de símbolos que é fabricada pelo homem ao mesmo tempo em que o fabrica – escola interpretativa - Clifford Geertz
D) A cultura na escola evolucionista – Edward Tylor
E) A cultura enquanto um sistema de totalidade que tem a função de manter viva a sociedade – escola funcionalista - Malinowski
F) A cultura como uma lente de observação do mundo – escola culturalista – Franz Boas, Margareth Mead, Ruth Benedict
G) Veremos também como um autor da aérea e desenho industrial (Ronaldo Correa) e um da área de comunicação (Edward Hall) pensam a cultura.

1) Antecedentes históricos do **conceito** de cultura

- O confronto com a diversidade humana, como vimos na aula passada, sempre suscitou uma explicação.
- Heródoto (484-424 A.C.), o grande historiador grego, já percebia que o sistema social dos Lícios diferia em muito da sociedade patrilinear grega, no entanto, seria impossível tachá-los de "animais". Herótodo percebia então que a diversidade de costumes era um fato e mais, um fato que suscitava explicações. **Ver pg 10 do Laraia**

Marco Pólo, lendário viajante italiano (séc XIII), José de Anchieta (século XVI), Montaigne (século XVI), são outros exemplos de pessoas que

procuraram compreender a diversidade de costumes humanos. Montaigne, inclusive, pode ser pensado como um precursor do relativismo cultural, pois assim comentou a antropofagia dos tupinambás:

"Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade, mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve á cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto (...) na verdade, cada qual considera bárbaro o que não pratica em sua terra" Bárbaro é aquele que acredita na barbárie. **Ver pg 13**.

- Assim, o que poderia explicar a diversidade de hábitos?
- Num primeiro momento, várias teorias de cunho determinista surgiram para dar conta da diversidade, tais como as teorias do determinismo biológico e geográfico. No primeiro caso, tentava explicar as diferenças culturais através da biologia, falava-se em raças e nas potencialidades de cada uma delas, afirmando-se por exemplo, que os nórdicos são, por natureza, mais inteligentes que os negros; ou que os judeus são avarentos e negociantes por natureza, ou que os ciganos são nômades por instinto. Como vimos com os viajantes e cronistas dos séculos XIV ao XVI, boa parte da diversidade cultural indígena era explicada pela crença de que o índio seria um apêndice ruim da natureza. **Pg 14, pg 17 . Teorias questionadas a partir de 1950, ver pg 18**
- Explicações deterministas de ordem geográfica também atribuíam ao clima a explicação da diversidade. Huntington, em seu livro Civilization e climate (1915), formula uma relação entre a latitude e a civilização, considerando o clima central na dinâmica do progresso.
- mas, pouco a pouco, antropólogos como Franz Boas, Margareth Mead, Kroeber, entre outros, começam a questionar estes argumentos e a mostrar que é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo ambiente físico. Ver pg 22 do Laraia.
- Assim, aos poucos, começou-se a pensar que as diferenças seriam produto da maneira pela qual os grupos humanos encaravam a vida e davam respostas a elas. Começava assim a idéia de que a cultura poderia ser uma lente de observação da realidade e que povos diferentes utilizavam lentes diferentes.
- Jonh Locke, filósofo, em 1960 escreve <u>Ensaio acerca do entendimento humano</u> e mostra que a mente humana não é mais do que uma caixa vazia por ocasião do nascimento, tendo que ser preenchida pela cultura. Ele refutava

assim as idéias correntes da época, que afirmavam a existência de verdades inatas e transmitidas pelos genes.
- Jean Jacques Rosseau, em 1775, no Discurso sobre a origem e o estabelecimento da desiguadade entre os homens, atribuía grande peso á educação e já falava que era necessário romper com o humanismo clássico, que afirmava a igualdade de todos os homens e ao contrário, enveredar por um caminho que mostrasse as diferenças e postulasse o respeito á elas.
- Mas vai ser com Edward Tylor que teremos a primeira definição de cultura, entendida por ele como *"O todo mais complexo":*

"Culture is that complex whole wich includs knowledge, belief, morals, law, custon, and any other capabilities and habits acquired by a man as member of society" (Tylor).

- Veremos depois, na aula sobre o evolucionismo, os desdobramentos desta definição e as críticas que ela recebeu.
- o importante agora é só termos em mente que o conceito de cultura passa a ser central para se entender e lidar com a diferença.
- Um último ponto que também não detalharemos agora, mas que precisa ficar ao menos esboçado é que aconteceu todo um debate no século XVIII e no início do Século XIX sobre o termo cultura.
- O termo germânico KULTUR (que vem de Kultus – cultivar a terra) foi mais utilizado para simbolizar os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto que o termo francês CIVILIZATION referia-se ás realizações materiais de um povo. Notem que ambos os termos eram utilizados ainda apenas no singular, como se houvesse um único modo de cultura ou de civilização.
- Tylor será o primeiro antropólogo a fazer a junção entre estes dois termos e a pensar em culturaS, no plural .
- Lembro-lhes novamente que esta discussão serve apenas para que a gente comece a trilhar um caminho de estudo, devendo ser aprofundada no decorrer do curso.

2) Questão da **origem** da cultura

- Teorias mais comuns:

2.1 - ORGÂNICAS: Paleontólogos

a) Richard Leakey e Roger Lewin: a cultura é resultado da vida arborícola→ o faro perdeu a importância→visão esteresoscópica desenvolveu-se → uso das mãos → visão tridimensional dos objetos
b) David Pilbeam: bipedismo (fazer o animal parecer maior, poder transportar objetos, portar armas, ser mais visível)
c) Kenneth Oakley → uso das mãos + postura bípede → maiores estímulos ao cérebro → cérebro mais volumoso e complexo.

- Ponto comum entre as teorias: consenso de que a cultura apareceu como um "coroamento" do homem → teoria do ponto crítico. Alfred Kroeber
- Teoria do ponto crítico:

● o homem é um composto de níveis, e o nível final seria a cultura.
● homem teria completado todo o seu desenvolvimento **biológico**, só então, receberia cultura.
● Supunha-se um salto qualitativo sem precedentes, um estalo, a partir do qual o homem seria capaz de produzir cultura.

2.2 - SÓCIO-CULTURAIS: antropólogos

d) Leslie White (norte-americano): passagem do estado natural para o humano ocorreu quando o cérebro foi capaz de gerar **símbolos** (ver pg 55). CAPACIDADE DE ABSTRAÇÃO

e) Cláude Lévi-Strauss (francês): a cultura surgiu quando o homem convencionou a **primeira regra**, a **primeira norma**, que é o **tabu do incesto** (proibição da relação sexual de um homem com certas categorias de mulheres).

-Veremos este ponto com detalhe na segunda parte da aula.

-

2.3) Crítica á teoria do Ponto crítico

- No entanto, os antropólogos em sua maioria criticam a teoria do ponto crítico.
- A principal crítica a ela vem de Clifford Geertz.
- Geertz problematizou a questão em dois textos clássicos:

"O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem" (pg 45 a 66), in: A interpretação das culturas,Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

"A transição para a humanidade" (pg 31 a 43), in (Sol Tax org.) Panorama da Antropologia, Brasil Portugal, Editora Fundo de Cultura, sd.

- Argumentos de Geertz:

- o salto da natureza para a cultura foi contínuo e lento.
- a própria paleontologia hoje provou que o corpo humano formou-se aos poucos.
- o primeiro hominídeo encontrado foi o Australopitecus (encontrado na África do sul e oriental), há 4 milhões de anos. Ele já tinha alguns indícios de cultura, como fabricação de utensílios, caça esporádica, alguns sinais de linguagem; mas não tinha outros, como o uso do fogo, o bipedismo, etc.
- Seu cérebro media apenas 1/3 do nosso.

- Já o Homo Sapiens, espécie decorrente da primeira, surgiu só há 200 ou 300 mil anos

Portanto, Geertz conclui que:

1) Logicamente a maior parte do crescimento cortical humano foi **posterior** e não anterior ao desenvolvimento da cultura.
2) Como já havia indícios de cultura entre os australopitecus, há então uma superposição de mais de um milhão de anos entre o início da cultura e o aparecimento do homem como hoje conhecemos.
3) A cultura, em vez de ser acrescentada a um animal acabado foi um ingrediente essencial na produção deste mesmo animal.
4) A cultura deve ser pensada como um conjunto de mecanismos de controle que regulam o comportamento.
5) O homem é o animal que precisa mais desesperadamente destes mecanismos culturais para ordenar seu comportamento e regulamentar o que a natureza deixou ao acaso.
6) Não existe natureza humana independentemente da cultura → sem a cultura os homens seriam monstruosidades incontroláveis (já que eles não possuem reguladores "naturais").
7) Somos animais incompletos, que nos completamos através da cultura → somos, portanto, produtores e produtos da cultura → o homem é um artefato da cultura.

Em vez de termos

bipedismo + visão esteresocópica + uso das mãos = cultura, temos

bipedismo + visão esteresocópica + uso das mãos + cultura= Homem.

3) A cultura condiciona a visão de mundo do homem.

- Índios e brancos vêem a floresta de modo diferente.
- Posturas corporais, valores, modos de ver → produtos de herança cultural.
- Mesmo coisas aparentemente biológicas como o riso, ou as técnicas de obstetrícia, ou mesmo a alimentação, refletem diferenças de cultura.
- Padrões culturais que variam de grupo para grupo.
- Padrões são gerais quando se olha de fora do grupo
  são específicos quando se olha de dentro do grupo

Ocidentais acham que japoneses riem tudo igual X japoneses percebem que cada japonês ri de um jeito → variações do riso dentro de um mesmo padrão cultural.

- Ri-se de coisas diferentes: a piada é excelente para se compreender um grupo. Quando não rimos da piada de um grupo é porque não a entendemos, ou melhor, não entendemos o grupo que a produziu. Ex: não rimos o pastelão "torta na cara" dos americanos, mas rimos das erotizadas comédias italianas.
- O fato de que o homem vê o mundo através de sua própria cultura tem como conseqüência a propensão em se considerar o seu modo de vida como o mais correto e natural → **etnocentrismo**. (presente em todos os grupos culturais e não só entre os americanos, que constituem o exemplo mais óbvio). É por isso que os padrões de outros grupos são depreciados por nós e nos fazem catalogar outros sistemas culturais como absurdas, deprimentes ou imorais.
- Tomar por ponto de referência não a humanidade, mas o grupo.

- etnocentrismo: palavra criada por Willian G. Summer em 1906 em seu livro Folkways.

4) A cultura interfere no plano biológico

- A influência da cultura é tão grande que pode condicionar aspectos biológicos mais amplos, como as doenças psicossomáticas ou a depressão de indivíduos ou grupos inteiros:
• banzo entre os africanos: morte decorrente da apatia.
• índios que em virtude da tristeza deitam-se na rede e morrem.
• crença na feitiçaria: e os enfeitiçados morrem.

- Questão da **eficácia simbólica**:
• a cultura também é capaz de provocar a cura de doenças, sejam elas reais ou imaginárias.
• pajés, xamãs, líderes religiosos.
• a respeito, ler: "A eficácia simbólica" e "o feiticeiro e sua magia", do Lévi-Strauss, in: Antropologia Estrutural I.

- e por falar em Lévi-Strauss, vamos á Segunda parte da aula.

Parte II – Natureza X Cultura do ponto de vista de Claude Lévi-Strauss
- Em primeiro lugar, devemos saber um pouco sobre o autor, Claude Lévi-Strauss
* Claude Lévi-Strauss (Bruxelas, 28 de novembro de 1908) é um antropólogo, professor e filósofo belga, considerado o fundador da Antropologia Estruturalista, em meados da década de 1950, e um dos grandes intelectuais do século XX.
* Fará 99 anos agora em 2007.
* Claude Lévi-Strauss nasceu em Bruxelas. Iniciou seus estudos em Direito e Filosofia na Sorbonne (Paris).
* As estruturas elementares do parentesco foi publicado no ano seguinte e, instantâneamente, consagrou-se como um dos mais importantes estudos de família já publicados. O título faz uma brincadeira com o título do livro de Émile Durkheim, As formas elementares da vida religiosa.
* Desde 1940 ocupa uma cadeira na quinta seção da École Pratique des Hautes Études, aquela de 'Ciências Religiosas' que havia pertencido previamente a Marcel Mauss e que Lévi-Strauss renomeou para "Religião Comparada de Povos Não-Letrados".

* Apesar de bem conhecido em círculos acadêmicos, foi apenas em 1955 que Lévi-Strauss tornou-se um dos intelectuais franceses mais conhecidos ao publicar Tristes Trópicos, livro autobiográfico acerca de seu exílio na década de 1930.
* Em 1959 Lévi-Strauss foi nomeado para a cadeira de Antropologia social do Collège de France. Por volta desse período publicou Antropologia estrutural, uma coleção de ensaios em que oferece tanto exemplos como manifestos programáticos do estruturalismo.
* É doutor honoris causa de diversas universidades pelo mundo. Apesar de aposentado, Lévi-Strauss continua a publicar ocasionalmente volumes de meditações sobre artes, música e poesia, bem como reminiscências de seu passado.

- Sua idéia central é que o homem é composto por algumas estruturas elementares, que muitas vezes são inconscientes, e não é possível dizer, por exemplo, que "eu falo" e sim, que "eu sou falado, sou agido, sou atravessado por estruturas que me preexistem.

- No texto "Natureza e cultura", ele tenta responder uma questão central para a antropologia: Onde termina a natureza e onde começa a cultura, no caso do Homem?
- Questão se justifica porque o homem é ao mesmo tempo um ser biológico e um ser cultural.
- Mas onde começa uma e termina a outra?
- 1) Seria possível encontrar no homem um "estado de natureza", um estado "natural", antes do homem ser tocado pela cultura?
- Lévi-Strauss vai comentar de experiências que tentaram isolar este estado natural no homem:

• isolar um bebê e observá-lo nas horas seguidas para identificar quais traços seriam apenas biológicos
• ou observar as crianças selvagens

- não deu certo, porque algumas reações ausentes poderiam ser fruto do fato de alguns mecanismos fisiológicos não estarem ainda desenvolvidos
- prolongar a experiência para esperar a consolidação destes mecanismos seria inviável pois ou a criança morreria, ou seria submetida á influência do meio.

- Animais podem voltar ao estado selvagem, se abandonados, mas o mesmo não acontece com o homem, pois neste caso, "não existe comportamento natural da espécie ao qual o indivíduo isolado possa voltar mediante regressão" (pg 43) → se o homem é um animal doméstico, é o único que domesticou a si próprio. Crianças selvagens podem ser monstruosidades culturais, mas não representantes de um estado natural.

Conclusão:

É impossível esperar no homem a ilustração de um comportamento natural, pré-cultural (43)

2) Seria possível encontrar na natureza indícios culturais? Encontrar a cultura no estado de natureza?

É possível encontrar CULTURA nos níveis superiores da vida animal?

- **comunidades de insetos (formigas, abelhas)**, que em muito se assemelham ás sociedades humanas, por causa de sua organização, divisões internas, etc. Mas entre estas, o que encontramos são o instinto e o equipamento anatômico, próprios das espécies **naturais**. Não há linguagem, instituições sociais, valores estéticos, morais ou religiosos.

Ordem universal: ausência da diferença

-
- **Macacos antropóides**: seriam um esboço do homem? Alguns até mostram comportamento aprendido (portanto, da ordem da cultura), mas limitado.
- É possível uma linguagem rudimentar
- Eles até possuem o aparelho anatômico para produzir linguagem, mas não o fazem.
- Ex: casal que criou macaca junto com a filha. Até um certo ponto, a primeira deu de dez a zero na Segunda, mas depois, mostrou-se limitada, capaz de aprender só uma parte do que a criança aprendeu.

Lévi-Strauss diz que mesmo a liderança, ou a divisão sexual mostram-se muito **versáteis**, ou seja, há uma **ausência de norma** entre os animais. Não há regularidade no comportamento coletivo , a não ser as dadas pelo instinto.

Conclusão:

É impossível encontrar na natureza o que seria próprio da cultura, que é a **regra** → CONVENÇÕES.

- Para Lévi-Strauss, o que funda a sociedade é a **REGRA → caráter coercitivo das leis e das instituições.**
- Natureza: universalidade das tendências e dos instintos.
- "Em toda parte em que se manifesta uma regra podemos ter a certeza de estar numa etapa da cultura. Simetricamente, é fácil reconhecer no universal o critério da natureza" (47) → os homens se caracterizam pela variação cultural, pelo modo como se diferenciam uns dos outros e pela sua plasticidade, pela sua capacidade de adaptação.

Homem: tem ao mesmo tempo a **constância** (todas as sociedades tem a proibição do incesto) e a **variação** (cada sociedade determina o que é parente e portanto, tabu)

Conclusão:

-	"Tudo quanto é universal no homem depende da ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade, e que tudo quanto está ligado á uma norma pertence á cultura e apresenta os atributos do relativo e do particular" (47)

Estas idéias, de modo algum, pretendem afirmar que não há nada de animal no homem ou que não há nada de social nos animais. Lévi-Strauss trabalha dialogando com as ciências naturais, mas o que ele acredita é que só os Homens são capazes de produzir cultura, ou ao menos, cultura complexa, embora ele não faça uso de deste termo. Na verdade, toda a antropologia apóia-se na idéia central de que a cultura complexa é própria dos humanos, em função de características como a abstração, a capacidade de simbolização, a complexidade das formas de comunicação e transmissão de conhecimentos, a tendência e possibilidade da diferenciação, da variedade (enquanto que os outros animais tenderiam a repetição dada pela genética).

- Além do mais, para Lévi-Strauss haveria uma regra que seria própria dos humanos, e que ele chama de "A Regra das regras". Seria o **tabu do incesto**.
- **tabu do incesto:** proibição do casamento e do sexo entre parentes próximos.
- É uma **regra** pois é **variável** de cultura para cultura: cada grupo vai definir quais são os parentes mais próximos, com os quais não se pode casar ou ter relações sexuais. Pode ser a mãe ou o pai, a irmã ou o irmão, a tia ou o tio, ou a prima e o primo.
- Mas o tabu do incesto também possui a característica da **universalidade**, pois não há sociedade humana que não o tenha.

Conclusão:

> "Eis aqui, pois, um fenômeno que apresenta simultaneamente o caráter distintivo dos fatos da natureza e o caráter distintivo dos fatos da cultura. A proibição do incesto possui ao mesmo tempo a universalidade das tendências e dos instintos e o caráter coercitivo das leis e das instituições

-

- Não é possível apreender o ponto de passagem entre natureza e cultura, só os **mecanismos de articulação** entre elas.
- Somos, ao mesmo tempo, seres da natureza e da cultura.
- Mas o tabu do incesto é o passo pelo qual adentramos na cultura, é o processo pelo qual a natureza ultrapassa a si mesmo.
- O tabu do incesto está no limiar da cultura e é a própria cultura.
- É o tabu do incesto que permite a **troca, de linguagens, de mulheres e de bens econômicos:** vc é obrigado a ceder uma mulher do seu clã ou de sua família para outro grupo, que por sua vez, também cede uma mulher, para que vc construa uma nova família.
- "mamãe não é a extensão de mim. Há o papai": - percepção da individualidade
  - necessidade da troca.
- perceber a mãe como algo exterior é uma função abstrata.

- A **proibição** do incesto exprime a passagem do fato natural da consangüinidade ao fato **cultural** da **aliança**.
- A **troca**/**reciprocidade** fundamenta a sociedade: necessidade e imposição do convívio social.

Noção de cultura para Lévi-Strauss: procurar

Breve apanhado sobre algumas definições de cultura e sobre o problema da Origem da cultura

A discussão que eu pretendo realizar aqui nasceu de algumas questões, práticas e teóricas, que meus alunos de várias turmas colocaram-me a respeito do conceito de cultura e de seus usos na antropologia.

Uma primeira dificuldade que salta aos olhos tanto dos alunos, quanto dos professores (ou ao menos, dos meus olhos) é a ausência de um texto didático que forneça algumas noções **operacionalizáveis** sobre cultura. Explico de antemão o que quero dizer com um conceito de cultura que seja operacionalizável. Se é verdade que o tema é por demais amplo e complexo, e que as discussões acadêmicas sobre o conceito de cultura são intermináveis e muitas vezes, atingem um alto nível de complexidade, altamente fecundo; por outro, é verdade também que todos os matizes sobre o conceito, nas mais diversas escolas antropológicas, de pouco contribui para que o aluno de outros cursos que não o de ciências sociais. Para alunos de desenho industrial, história, comunicação social, psicologia, etc, seria de mais valia que pontuássemos algumas diretrizes gerais da especificidade da prática antropológica, do conceito de cultura e da problemática da diferença e da alteridade que o auxiliasse a pensar melhor algumas demandas próprias de cada aérea. Ou seja, uma discussão sobre cultura que auxiliasse o aluno de desenho industrial ou comunicação social, por exemplo, a perceber como identificar traços culturais e como perceber a diversidade cultural enquanto positividade para os trabalhos e questões específicas de cada disciplina.

O que eu proponho aqui então é uma sistematização de algumas definições de cultura (que não serão as únicas possíveis e nem as melhores), mas que poderão auxiliar o aluno a entender aspectos da vida material,

espiritual, social, simbólicos de sua sociedade e entender porque para a antropologia, a cultura coloca-se como questão central.

Sabemos que uma das questões centrais da antropologia é responder á interrogação antropológica **Qual é a origem da cultura?**

A indagação é crucial para autores como José Carlos Rodrigues, Claude Lévi-Strauss, Roque Laraia, Clifford Geertz –isto só para citar alguns deles, pois na verdade, a pergunta é central para a disciplina como um todo.

Segundo José Carlos Rodrigues esta é uma discussão central porque remete imediatamente o pensamento para o problema da relação genética que a cultura tem com a natureza, incidindo sobre o fato de o homem ser ao mesmo tempo um animal e algo diferente de um animal. Lévi-Strauss argumenta, no mesmo sentido, que a questão se justifica porque o homem é ao mesmo tempo um ser biológico e um ser cultural.

Mas onde começa uma e termina a outra?

Para Rodrigues, todas as respostas serão necessariamente hipotéticas, pois os fósseis, que são os elementos do passado de que dispomos, não nos revelam padrões de comportamento.

Mas, para ele, alguns comportamentos sociais como a corte, a estruturação da hierarquia e a noção de território não foram inventados pelo homem, já estando presentes em outros animais.

Um princípio de classificação poderia ser o da **complexidade das organizações sociais** e das **estratégias de comunicação simbólica** entre os membros de cada grupo, animal ou humano.

_ Homens	Animais
Através do uso de símbolos e da comunicação estabelecida através deles estariam fadados á diferença	Através do uso dos sinais, e segundo a imobilidade da espécie, estariam fadados a semelhança

- pg 58: “A diferença constituiria assim o que de mais igual, comum e semelhante existiria entre os homens: a cultura”

- **Faculdade de aprender** as convenções do grupo é uma das características mais genuinamente singularizadoras da espécie humana.

Laplantine, renomado autor francês, compartilha a mesma idéia de cultura enquanto uma capacidade intrinsicamente e exclusivamente humana:
"Cultura é o conjunto de comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo estas atividades **adquiridas** através de um processo de aprendizagem e **transmitidas** ao conjunto de seus membros. A noção de cultura é estritamente humana" (pg 120).

Laplantine não desconsidera que outros animais possam ter linguagem, formas de organização social e até mesmo inteligência:
"Da mesma forma que existe um pensamento e uma linguagem nos animais, existem sociedades animais e até formas de sociabilidade animal, que podem ser regidas por modos de interação antagônicas ou comunitárias, bem como modos de organização complexos (em função das faixas de idade, dos grupos sexuais, da divisão hierarquizada do trabalho). Indo até mais adiante, existe hoje o que não se hesita mais em chamar de sociologia celular. Assim, o que distingue a sociedade humana da sociedade animal e até da sociedade celular, não é de forma alguma a transmissão das informações, a divisão do trabalho, a especialização hierárquica das tarefas, e sim essa forma de comunicação propriamente cultural que se dá através da troca não mais de signos e sim de símbolos, e por atividades rituais aferentes a estes" (Laplantine, 120).

Veremos, daqui a pouco, como Rodrigues fará toda uma discussão mostrando a diferença entre símbolos e signos.

Tanto para Laplantine, quanto para Rodrigues, os animais são capazes de muitas coisas, mas como diria Laplantine, "nunca se viu nenhum soprar as velas de seu bolo de aniversário".

Rodrigues afirma que se é verdadeiro que os animais domésticos são capazes de coisas incríveis, também é verdadeiro que:
1º) estes animais são, de certa maneira, "humanizados", pois perderam parte de seus hábitos selvagens e adotaram, pela domesticação, hábitos humanos.
2º) devemos considerar que com freqüência, superestimamos as habilidades animais:

"O cão que se aproxima de mim quando eu grito 'Rex'! aproximar-se ia também se o meu grito fosse 'Lex'! Ele não aprende a linguagem humana, limitando-se habitualmente a responder o tom de voz do dono – tanto que

balançará alegremente a cauda, quando alguém em tom carinhoso e alegre lhe disser: ‘vou te quebrar a cara’ a domesticação é um aprendizado de costumes Humanos, mas em termos. E mais, não conseguem ensinar ou transmitir estes conhecimentos a outras gerações”

A idéia central de Rodrigues é que todos os seres vivos se comunicam, mas nem todos o fazem da mesma maneira. Seria importante, portanto, perguntar se haveria, quanto ao homem, alguma especificidade em seu sistema de comunicação que o diferencie os outros animais. A chave para esta discussão está na diferenciação que ele empreende entre sinais e símbolos.

Ele inicia sua argumentação afirmando que, se observarmos a natureza, veremos inúmeras **relações comunicacionais:**

- as flores trocam pólem entre si pela ação do vento
- trocam pólem também através da ajuda de pássaros ou insetos.
- formigas secretam um odor que informa as demais sobre a localização de comida
- patos selvagens piam e avisam seus companheiros de inimigos na região

Assim, mesmo que se trate de “instinto”, existe uma **mensagem** (olfativa, sonora, de coloração). Esta percepção fez-nos aprender que é possível descobrir **funções cominicacionais** onde anteriormente víamos apenas funções orgânicas.

Desta forma percebemos que o domínio orgânico e o domínio comunicacional não estão separados, muito pelo contrário, têm estreita e recíproca relação.

Na opinião de Rodrigues, a etologia traz ao domínio animal a dimensão do **comportamento**, que faltava á biologia. Ela nos ensina que os comportamentos animais não são comandados por um instinto cego e mecânico: Existem **regras de comunicação e mensagens** entre os animais, ou seja, aquilo que parecia durante muito tempo reservado ao homem mostra-se como universal.

Assim, a etologia, apoiando-se na idéia de ecossistema, mostra que o que víamos como fenômenos aparentemente cegos, desordenados ou eliminatórios (como a “lei da selva” ou a “seleção natural”) devem ser considerados como **elementos de complexa organização em sistema.**

A etologia e a ecologia percebe as relações dos organismos entre si, ao passo que a biologia percebe mais a estrutura particular de cada organismo.

Também seria possível perceber que entre os animais não humanos, há hierarquias, como a existente entre as galinhas em um galinheiro ou mesmo entre os macacos. Seria totalmente plausível falar então de **rede de relações sociais** entre os animais e até mesmo numa **"sociologia animal".**

Rodrigues conclui que tanto a comunicação quanto a sociedade estão presentes na natureza e ambas estão presentes no homem, porque o homem também faz parte da natureza.

Há, portanto, um território comum á todos os seres vivos que inclui **relações sociais e comunicação.** Mas, quais as **LINHAS DEMARCATÓRIAS deste território?**

Em relação á estas linhas fronteiriças, onde estaria situado o domínio próprio do homem, também ser vivo, social e comunicante?

A fronteira, para ele, estaria na distinção entre **SINAL** e **SÌMBOLO** e ele levanta quatro pontos centrais:

1º) ¤ animais e plantas: comunicam-se por **sinais organicamente programados,** que fazem parte da constituição **biológica** de determinados organismos e que estabelecem que eles devem se comunicar exatamente do modo como o fazem.

Animais (como gansos, patos cordeiros) seguem como líder o primeiro ser movente que vêem ao nascer

↓

Estão **programados**, já ao nascer, a aprender certas informações que guiarão seu comportamento futuro.

Ж homens: não estão organicamente programados para uma comunicação específica. Não está absolutamente dado por nossa estrutura biológica que usemos o preto como sinal de luto, pois há congêneres nossos (como os japoneses) que usam o branco para tal fim.

Alguns de nós descobrem a cabeça quando entram num templo, outros a cobrem.

Não há uma resposta <u>orgânica</u> para isso. É uma resposta **<u>cultural.</u>** É neste sentido que podemos dizer que a **cultura ordena o que a natureza deixa em aberto.**

Nossos símbolos (cruz, machado, foice-martelo, suástica, yn-yang, etc) são **SOCIALMENTE PROGRAMADOS,** dependem de **convenções estabelecidas entre os homens que constituem o grupo.** Ser humano algum está apto a participar da rede de comunicação formada pelos seus semelhantes pelo simples fato de ter nascido. **Ele precisa conviver com o grupo, introduzir-se nele, embeber-se dele.**

- Muito do que é **humano independe de programação genética. Os humanos** dependem muito mais de **códigos dados pela estrutura social,** ou seja, de **símbolos** estabelecidos por **convenções sociais.**

2º) ¤ desempenho comunicacional do homem depende:
- de sua constituição genética
- da maturação de seu organismo
Ex: piar.

Ж Homens: desempenho comunicacional depende:
- de um amadurecimento social dos indivíduos, mais do que da sua constituição genética ou de sua maturação orgânica.
Ex: caveira: idéia de morte e perigo
Luz vermelha: evoca prostíbulo
Lágrimas: tristeza
↓
Símbolos que dependem do grupo, da socialização e da maturação social e não da genética
3º) ¤ nos animais, SINAIS como
- odores das cadelas no cio
- piscar dos pirilampos á procura de parceiras sexuais
- urina dos cães e gatos para demarcar território
↓
Existem 1º no **INDIVÍDUO**, em cada organismo da espécie respectiva: cada organismo está ISOLADAMENTE apto a emitir ou emitir os sinais peculiares da sua espécie
↓

São programas INTERNOS e INDIVIDUAIS: “E é por isso, porque existem em cada um dos indivíduos, que os sinais se fazem presentes no grupo que estes organismos constituem”.

↓

Estar primeiro no indivíduo e depois no grupo

Ж Homens: Sinais como:
- lábios abertos para evocar sedução
- maça vermelha para tentação
-olhar para o chão ou para o teto num elevador apinhado de gente

↓

CONVENÇÕES que já existiam **ANTES** de cada um de nós vir ao mundo

↓

FATOS SOCIAIS: Enquanto seres individuais, já as encontramos fora de nós, na sociedade a que devemos aderir. Somente apoós tê-las aprendido, existirão em nós.

↓

As convenções e os símbolos figuram primeiro no grupo, depois nos indivíduos

4º) ¤ Animais: **Sinais** são **INTRANSFORMÁVEIS**: porque são dados pela **genética –** o orgânico é determinante, portanto, cada indivíduo pertencente a certa categoria biológica estará constrangido a se submeter aos sinais característicos desta classe:
- joões de barro repetem sempre o mesmo padrão de casa.
- borboletas noturnas exalam o mesmo cheiro para o acasalamento.

↓

Estão atrelados à fixidez da genética, tanto no tempo, quanto no espaço

↓

Tais sociedades não podem apresentar história ou diversidade cultural

Ж Homem: **Símbolo** é eminentemente **TRANSFORMÁVEL**: Não depende de natureza orgânica

↓

As sociedades humanas não só inventam suas convenções, mas as **substituem** por outras, abrindo-se a história:
- casamento pode ser monogâmico ou poligâmico

- beijo na boca pode ser um emblema de erotismo
- usar ou não a mão esquerda para manipular alimentos

↓

Tudo isso depende de **CONVENÇÕES** que variam de sociedade para sociedade e de tempo para tempo. Inclusive, os homens podem diferir de seus semelhantes, convencionando outras convenções, abrindo-se á alteridade e á diversidade cultural.

- Poderia-se argumentar que poderia haver a presença de SINAIS (chorar, alimentar-se, dormir), que são próprios do animal, no homem. O choro está presente tanto nos homens quanto nos animais. É um som que quando emitido informa tristeza ou perigo nos dois casos. Assim, tanto os motivos, quanto a manifestação pode ser semelhante nos dois casos.

"Mas a semelhança cessa quando se observam as reações dos adultos humanos, pois, neste caso começam a figurar os ditames de cada cultura particular.

Correr assustada e urgentemente para acudir, embalar, acariciar ou afagar a criança, reagir com energia para que a criança aprenda desde cedo aser estóica; ouvir com tranqüilidade e indiferença apoiando-se na crença de que toda a criança chora...Tudo isso depende de convenções particulares. Há pois, uma vastíssima gama de comportamentos possíveis dos adultos em relação ás crianças, que em absoluto não são programados organicamente. Por conseguinte, somos levados a admitir que, mesmo que crianças muito pequenas emitam sinais, os adultos lhe retribuem **SÍMBOLOS.**

- Seria possível discutir que toda esta discussão pode parecer um pouco antropocêntrico, e talvez seja mesmo, pois como diz Rodrigues **a apreensão que os homens têm do mundo é antropocêntrica.**

- Cada espécie tem o seu próprio mundo e uma espécie não tem acesso aos códigos da outra. Tartarugas e homens não partilham exatamente do mesmo universo sensorial. Assim poderia-se supor que toda espécie centra sobre si a sua verdade sobre o universo.

"Assim, muito longe das coisas em si, a apreensão que os homens t~em do mundo é antropocêntrica. Tão antropocêntrica como seria, por exemplo, crocodilocêntrico o universo tão qual figurado por crocodilos ou felinocêntrico o dos felinos. O antropocentrismo é a condição inicial e final

de toda a relação do homem com o universo. È o ponto de vista a partir do qual inexoravelemente construímos nossos mundos e nossas verdades. O antropocentrismo é a lente sem a qual somos cegos e –pior- sem imaginação. O Homem não tem acesso ao mundo tal qual é – ao mundo independente das lentes de sua humanidade. É escravo de seus óculos: percebe não o que é, ou parece ser, mas o que transparece por seus cristais" (131)

"A Cultura é a lente humana por excelência, e ser antropocêntrico é enxergar o mundo através dela" (132)

A cultura é uma abstração.
"As culturas são sistemas simbólicos. Mais do que um somatório de valores, artefatos, crenças, mitos, rituais, comportamentos etc (como queria a definição inaugural de Tylor, cada cultura é uma gramática que delineia e gera os elementos que a constituem e lhe são pertinentes, além de atribuir sentido às relações entre os mesmos. As culturas não se definem apenas pelos seus vocabulários, mas principalmente, pelas regras que regulam a sintaxe das relações entre os seus membros. Em certo sentido, poderíamos dizer que as culturas são análogas às regras dos jogos: definem quais são os jogadores, quais são os apetrechos e metas do jogo, como se devem computar os pontos, que jogadas são permitidas ou proibidas (...) Viver em sociedade é de certa forma conhecer e sobretudo obedecer as regras do jogo social".

- Próxima aula:

Aula 4 – Tema: A cultura vista pela ótica dos evolucionistas do século XIX. O tempo dos eruditos.
Bibliografia **Básica**:
LAPLANTINE, François - "O tempo dos eruditos: os pesquisadores eruditos do século XIX" (63 a 75), in: Aprender antropologia, Brasiliense, São Paulo, 1991.